



11º UNICULT - VII Concurso de Contos e Crônicas

AS INSÓNIAS

Autor(es)

VITOR BATISTA

Contos / Cricas

Era ainda rapaz novo quando decidi dar um outro rumo à minha vida.

De facto, a vida na aldeia não era nada atrativa, nem estava de acordo com o que eu sempre sonhara.

Para quem queria um determinado tipo de emprego, gostava do bulício duma grande cidade ou para quem ansiava gastar parte do seu tempo na noite, está bem de ver que na minha aldeia seria o último lugar onde poderia satisfazer os meus desejos.

Por isso não admira que, com apenas 16 anos, tenha deixado a casa paterna, a família e os amigos de sempre. Foi uma decisão consciente mas difícil, se se aceitar que com aquela minha idade é convicta e determinada a deliberação que tomei.

O certo é que já passaram uns quantos anos e ainda não senti qualquer sinal de contrariedade ou rejeição para com o passo que foi dado. No entanto, em oposição ao modo como agi, está o meu melhor amigo, o Chico Carocha, pois que até hoje nunca foi sua preocupação sair da aldeia na procura de um outro estilo de vida. Aliás, ninguém pode ou deve apontar-lhe o que quer que seja, apenas porque a ele e só a ele deve ser assacado o ónus da sua escolha.

O Chico preferiu ficar a trabalhar para o tio, um agricultor de boa dimensão, com um apreciável volume de negócios derivados dos excelentes resultados que lhe proporcionavam os muitos terrenos de cultivo de que era proprietário. Contudo, ele não passava dum simples trabalhador do campo.

Como nunca se pode dizer que estamos bem, o meu amigo poderá confirmar, acontece que o tio come-çou a descuidar o amanho dos terrenos por via das doenças que o iam debilitando, o que fez diminuir drasticamente os esperados resultados agrícolas. Foi nesta ocasião que os filhos do empresário agrícola se chegaram à frente e tomaram em suas mãos toda a gestão do negócio. Fizeram-no da pior forma, com muita soberba e sobrançeria, com uma desmedida autoridade, que modificou por completo o modo de trabalhar que o seu doente pai tinha implantado. Aos dois filhos parecia ser mais interessante o fina-lizar das colheitas do que o seu desenvolvimento, a entrada de bastante dinheiro a ter que o gastar du-rante o progresso agrícola nos campos de cultivo.

Entretanto e perante o estado da situação do negócio, o Chico deixou de receber a tempo os honorários a que tinha direito e como primo que era, passou a ter tratamento diferenciado dos restantes trabalha-dores, para pior está bem de ver.

O meu bom amigo Chico estava casado com uma minha prima, que esperava a chegada do primeiro filho. Faltavam três meses para que o rebento pudesse ver a luz do dia.

Segundo e seguindo a tradição da minha aldeia, por volta do sexto mês de gravidez, deviam os pais

escolher o padrinho para o bebé, que por aí vinha chegando. Escolha feita, esta recaiu no chumeco da

aldeia. Devo acrescentar que fiquei desagradado com a escolha pois esperava ser eu o escolhido para ser o padrinho do bebé que se preparava para chegar. Mas, convém aqui realçar, a escolha do sapateiro até foi feita com bom senso e boa visão, porque sendo um

homem casado, não tinha filhos, tinha cerca de cinquenta anos e, segundo constava, tinha um razoável pé de meia. Apenas se lhe apontava um de-feito, gostava por demais do seu copito.

O certo é que o convite feito foi de imediato aceite. Mandava então a tradição que os futuros pais con-vidassem o eleito padrinho para um almoço, durante o qual seria escolhido o nome a dar à criança. Ao padrinho era dada a liberdade da escolha, à qual os pais por norma não deviam dizer não. Mas, ao medo inicial dum nome invulgar, sobreveio a satisfação de ouvir o sapateiro dizer que a escolha seria feita em conjunto. Nome puxa nome, nomes atrás de nomes, muitos nomes, para então decidirem que se for me-nino se chamará Luís Carlos, mas se for menina terá por graça Sónia Filipa.

Contudo, a vida, a natureza ou porque tinha mesmo que ser assim, a surpresa aconteceu. Com efeito, a

esposa do meu amigo, a minha prima, deu à luz duas belas meninas. No meio de risos, lágrimas, choros, abraços e muitos comentários, enfim, era a surpresa, alguém foi avisar o padrinho. Este compareceu de imediato para dizer ser Sónia Maria o nome que escolhia para a segunda menina.

Um fio branco no pulso duma, um outro vermelho no da outra, fez identificar logo ali as duas gémeas.

No dia seguinte o padrinho foi cumprir uma das suas várias obrigações. No caso, ir à sede do concelho registar as duas meninas. Montado na sua bicicleta saíu bem cedo de casa, não só porque até à vila eram 25Km., mas, principalmente, porque queria regressar o mais depressa possível a casa, por ter todo o seu trabalho atrasado. No entanto, tudo correu ao invés do programado, por culpa duma única pessoa, dele mesmo o próprio padrinho.

Pelo caminho e em sinal de satisfação e celebração por ser padrinho de duas gémeas, o que era raro a-contecer, parou em muitas das tabernas que faziam venda junto à estrada. Entrava, mandava vir uma rodada, falava dos motivos da sua ação, bebia, pagava e toca a montar bicicleta a caminho, do seu ca-minho.

Quando o padrinho sapateiro chegou ao registo, este já tinha fechado para o almoço. Então, ele resolveu aproveitar bem o período de encerramento, para ir petiscar e regar bem o petisco. Bem comido e melhor bebido, dirigiu-se ao local dos registos de nascimento, pediu e começou a preencher toda a papelada em duplicado. E então, aconteceu o inesperado, o que realmente não podia falhar, é que chegado ao local onde devia escrever os nomes das duas meninas, o bem bebido padrinho não se lembrava deles, nem mesmo o que ficara combinado com os pais das bebés. Para não perder mais tempo, nem dar a entender o que se passava, o padrinho acabou por registar as meninas com nomes que no momento lhe vieram à cabeça.

Devido a uma inesperada ocorrência, o padrinho sapateiro não chegou a ver os problemas que este seu gesto veio a provocar mais tarde à família das meninas.

Quando chegou à aldeia, já noite cerrada, o padrinho calou o ocorrido no registo e foi entregar as cédu-las de nascimento ao pai das gémeas, que mais não fez que agradecer e ir colocá-las na caixa de sapa-tos, onde guardava toda a documentação importante. As meninas, essas, foram crescendo e sempre cha-madas por Sónia isto, Sónia aquilo; Sónia Filipa vem cá, Sónia Maria não faças isso.

As Sónias fizeram quatro anos, houve festa. Aos cinco, outra festa.

Quando chegaram aos seis anos, voltou a festa mas desta vez bem diferente das anteriores. Pela idade,

estava na altura de entrarem na escola. Para serem inscritas, era necessário apresentar as cédulas de ca-da uma das meninas. O pai, o meu amigo Chico, foi à tal caixa da papelada importante, retirou as duas cédulas pessoais das filhas e teve a curiosidade de as abrir

para ler. Era a primeira vez que o fazia.

Leu a primeira, leu avidamente a segunda e o baque recebido foi tremendo, que o fez recuar e cair sobre a cama. Chamou a mulher, deu-lhe os documentos para ler e a senhora desmaiou de imediato. Afinal as meninas não tinham o nome de Sónia.

Mal se soube de tal incongruência, a aldeia ficou alarmada. E quase todos diziam, se as duas meninas não foram registadas como Sónias, então devem ser insónias. Quase todos os aldeãos culpavam os pais pelo que aconteceu e vociferavam em uníssono: insónias, insónias, são insónias!

Certo é que nas noites que se seguiram o Chico mais a mulher não pregaram olho, só a pensarem que as

suas duas filhas, a quem sempre chamaram Sónias, afinal não o eram. O que eles tinham agora eram insónias, pelo que não admira passarem noites seguidas em claro.

Apesar de já dormirem bem melhor, por nada eles querem deixar as suas insónias.

Afinal são suas filhas também!

Luís Cardoso